A urbanização de Sorocaba-SP vista da capela de acolhida de Nhô João - símbolo de resistência metropolitana

Neusa de Fátima Mariano[1]

Resumo: Nhô João, o João de Camargo, considerado um santo popular de Sorocaba (SP) foi, em vida, uma referência de acolhimento aos mais necessitados, no início do século XX. Na Capela de Nosso Senhor Bom Jesus do Bonfim benzia, curava e orientava a população que, assim como ele, era negra e ex-escravizada. Busca-se evidenciar, neste artigo, as contradições e a fragmentação do espaço urbano tendo como base Henri Lefebvre e José de Souza Martins, pois a capela se torna símbolo de resistência ao poder do capital por meio da especulação imobiliária, a partir da visibilidade do sagrado em seu tempo lento. A pesquisa contou com investigação bibliográfica em referência ao processo de desenvolvimento econômico do município, além do trabalho de campo na capela, que prezou pela observação do seu cotidiano. Apesar de a capela ter sido afetada pela enchente em 2024, a busca pelo seu reconhecimento como patrimônio nacional se fortalece e resiste por meio da memória de Nhô João.
Palavras-chave: religiosidade; cultura popular; temporalidades; industrialização; territorialidade.

La urbanización de Sorocaba-SP vista de la capilla de acogida de Nhô João - símbolo de resistencia metropolitana

Resumen: Nhô João, João de Camargo, considerado un santo popular de Sorocaba (SP) fue, en vida, un referente cuando se trata del acogimiento a los más necesitados, en el inicio del siglo XX. En la Capilla de Nosso Senhor Bom Jesus do Bonfim bendecía, curaba y orientaba al pueblo que, así como él, era negro y ex-exclavizado. Se busca evidenciar, en este artículo, las contradicciones y la fragmentación del espacio urbano tomando por base Henri Lefebvre y José de Souza Martins, pues la capilla tornase símbolo de resistencia al poder del capital por medio de la especulación inmobiliaria, a partir de la visibilidad del sagrado en su tiempo lento. La búsqueda contó con investigación bibliográfica en referente al proceso de desarrollo económico del municipio, además del trabajo de campo en la capilla, que apreció la observación de su cotidiano. Pese a que la capilla ha sido afectada por la inundación en 2004, la búsqueda por su reconocimiento como patrimonio nacional se fortalece y resiste por medio de la memoria de Nhô João.
Palavras-chave: religiosidad; cultura popular; temporalidades; industrialización; territorialidad.

The urbanization of Sorocaba-SP from Nhô João's chapel of reception - symbol of metropolitan resistance

Abstract: Nhô João, João de Camargo, considered a popular saint of Sorocaba (SP) was, in life, a reference in welcoming the most needy, at the beginning of the 20th century. In the Chapel of Nosso Senhor Bom Jesus do Bonfim, he healed and guided the population that, like him, was black and former enslaved. This article seeks to highlight the contradictions and fragmentation of urban space based on Henri Lefebvre and José de Souza Martins, as the chapel becomes a symbol of resistance to the power of capital through real estate speculation, based on the visibility of the sacred in its slow time. The research included a bibliographical investigation in reference to the economic development process of the municipality, in addition to the fieldwork in the chapel, which valued the observation of its daily life. Although the chapel was affected by the flood in 2024, the pursue for its recognition as a national heritage strengthens and resists through the memory of Nhô João.
Keywords: religiosity; popular culture; temporalities; industrialization; territoriality.

Como citar este artigo: Mariano, N. (2026). A urbanização de Sorocaba-SP vista da capela de acolhida de Nhô João - símbolo de resistência metropolitana. *PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades*, *9*(18), e55750. https://doi.org/10.26512/patryter.v9i18.55750.

Recebido: 08 de fevereiro de 2025. **Aceito:** 17 de abril de 2025. **Publicado:** 01 de março de 2026.

[1] Professora Associada do Departamento de Geografia, Turismo e Humanidades da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3472-7158. E-mail: neusa@ufscar.br.

1. Introdução

O Brasil é um país muito rico e diverso no que diz respeito, entre outros aspectos, à religiosidade popular. A partir do processo de colonização e das missões catequéticas pelos portugueses, implantou-se uma forte devoção aos santos católicos. Destes santos, alguns ganharam as características da localidade, ou seja, apesar de possuírem uma história de vida em um país distante, foram apropriados de forma simbólica pela população colonizada. Pode-se dizer que foi o que ocorreu com Nossa Senhora da Conceição Aparecida, cuja imagem de terracota a retrata como uma mulher negra. Encontrada por pescadores no século XVIII, trouxe uma representatividade importante para a população escravizada oriunda do continente africano, pois no sincretismo é identificada com Oxum, orixá associada à água doce. Desde 1930, Nossa Senhora Aparecida é oficialmente a padroeira do Brasil (Acta Apostolicae Sedis, 1931) e, além dela, há outros santos católicos que se tornaram populares, envolvidos no calendário litúrgico com direito a festividades. Sem detalhar muito as histórias destes santos e os rituais que se modificaram ao longo do tempo, há que se considerar aqueles mais presentes e potentes no conjunto de uma população rural, com fortes raízes num catolicismo rústico. Como exemplo, podemos citar São Gonçalo do Amarante, conhecido como o protetor dos violeiros e da fertilidade, ainda que tenha sido apenas beatificado pela Igreja. No Brasil, sua imagem remete a um camponês com uma viola na mão, enquanto em Portugal ele é representado como um padre dominicano (Mariano, 2022). Essa apropriação, que confere uma dada identidade territorial dos santos, se apresenta como um dos elementos em comum dos países latino-americanos, em função do processo de colonização. Conta-nos Benjamin (2008, p. 41):

> *As congregações missionárias – jesuítas, franciscanos e dominicanos – introduziram o culto aos santos de devoção dos seus fundadores e o dos próprios fundadores, aos quais seriam posteriormente acrescidos santos nativos reconhecidos canonicamente pela hierarquia católica, como Santa Rosa de Lima, San Martin de Porres e os Mártires Mexicanos. Os cultos oficializados pela Igreja, na América Latina, são inúmeros e a hierarquia estimulou, ou ao menos tolerou práticas do catolicismo popular, incorporando tradições pré-cristãs de natureza devocional que se sobrepuseram às práticas sacramentais e rituais litúrgicos. Contudo, a quantidade de devoções e práticas admitidas não foi suficiente para satisfazer as necessidades espirituais das populações, ocorrendo devoções não canônicas, isto é, a consagração como "santos" de pessoas não reconhecidas como tal segundo as regras de declaração do estado de santidade e autorização para a realização de culto pelas autoridades eclesiásticas, segundo as normas do Direito Canônico.*

Diante do exposto, é importante pontuar a proximidade maior do dito santo (não canônico) com uma população que se encontra em condições precárias de sobrevivência, sem atendimento médico ou assistência social e psíquica. Nesse caso, podemos falar daquelas pessoas que são consideradas santas por terem sido grandes benfeitoras em vida e às quais foram atribuídos milagres após a morte, os chamados santos populares. Segundo Mariano (2023), em matéria publicada no jornal *O Globo*, os santos chamados de "milagreiros" são "em geral pessoas com fama de vida 'pura' ou caridosa, ou vítimas de violência desmedida...". Entre alguns dos exemplos apresentados pela autora, de santos localizados em São Paulo, estão: Domitila, a Marquesa de Santos, falecida em 1867, a quem se pede intercessão pelos relacionamentos amorosos, por conta de sua história como amante de D. Pedro I; Maria Judith, falecida em 1938, de doença degenerativa; o menino Antoninho da Rocha Marmo, que, conforme ele mesmo teria previsto, faleceu de tuberculose, em 1930. Há muitos outros santos populares e não canônicos no Brasil, sobretudo, para além de São Paulo.

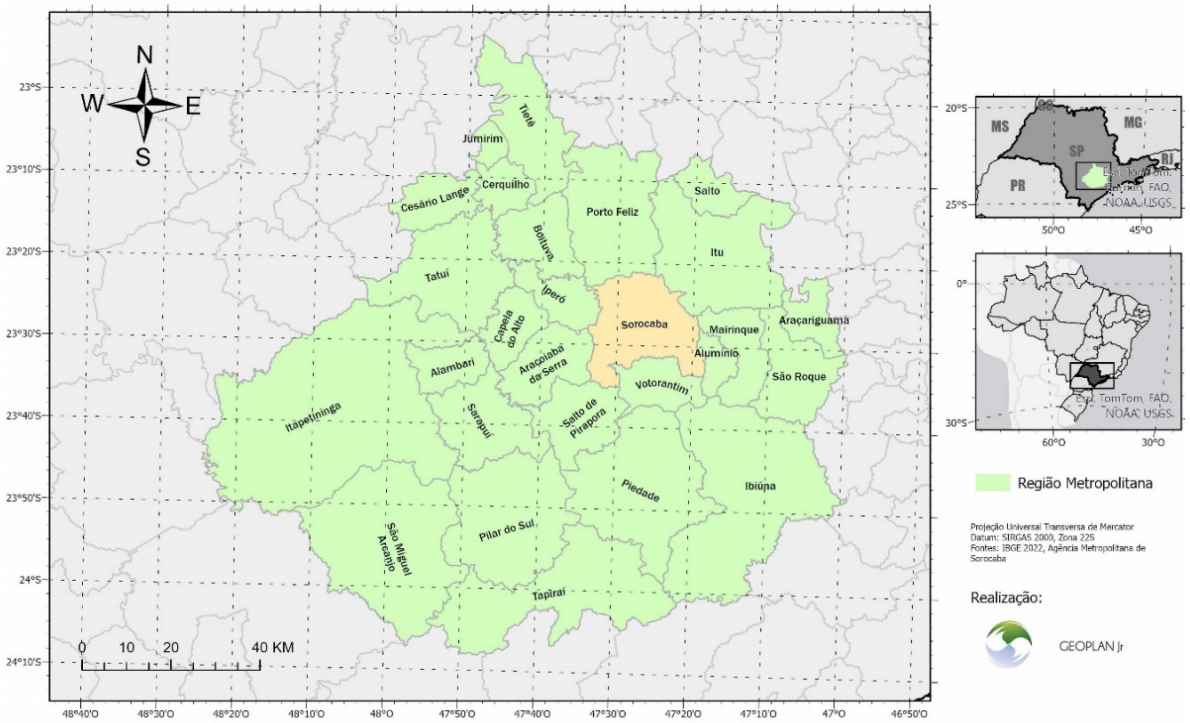
Interessa-nos, no momento, a história de João de Camargo, que, a partir da chamada "profetização", se tornou uma figura muito importante para a população, sobretudo negra e ex-escravizada. Esta consiste na revelação da missão de João de Camargo pelos seus mentores espirituais, segundo a qual ele deveria construir uma capela em honra de Nosso Senhor Bom Jesus do Bonfim, que ficou conhecida como Capela de João de Camargo (figura 1). Este espaço é singular porque foi construído aos poucos, em mutirão, e guarda em seu interior imagens de vários santos, representantes da fé católica, bem como das religiões de orixás e outras, tais como o xamanismo e o hinduísmo.

João de Camargo, que pode, portanto, ser compreendido como santo não canônico ou milagreiro, construiu a sua história em Sorocaba, município do estado de São Paulo que, desde 2014, configura-se como centro da Região Metropolitana de Sorocaba (RMS) (figura 2). Pretende-se, diante da realidade que se impõe, trazer à reflexão as contradições relativas à compreensão da capela no meio urbano e, ao mesmo tempo, sua condição como patrimônio da população sorocabana. Há ainda outra questão em pauta: aquilo que não é material e está na dimensão da memória, da devoção e da fé em João de Camargo e que permanece também como resistência.

Figura 1
Capela de João de Camargo.

Fonte: elaboração própria, 2015.

Figura 2
Mapa da Região Metropolitana de Sorocaba – RMS (SP).



Fonte: Geoplan (Unesp Rio Claro), 2024.

Neste sentido, urge contextualizar a história da construção da capela na vida de João de Camargo, trazendo à luz um pouco de sua biografia. A condição de ex-escravizado não o limitou em sua postura de acolher a quem o solicitasse. João de Camargo cuidava dos doentes da alma e do corpo, benzia a quem necessitava a partir das palavras que ouvia em sua cabeça, por conta de sua mediunidade. A capela não era isolada, desconhecida ou camuflada, pois João de Camargo compreendia que o seu espaço era para todas as crenças e pessoas e, por isso, popularmente, ela é considerada sincrética, plural ou ecumênica.

A partir da história de seu construtor, cabe situar a capela no espaço urbano, cuja fragmentação se impõe, trazendo consigo as contradições inerentes às temporalidades. Ao compreender os processos de urbanização como consequência da era da industrialização, como bem coloca Lefebvre (2016), pode-se encontrar a fragmentação do tempo e do espaço impressos no cotidiano. Nossa argumentação teórica para problematizar a manutenção da Capela de João de Camargo segue a proposta de Lefebvre (2016) sobre a divisão do tempo histórico em três eras – agrária, industrial e urbana–, segundo a qual a cidade ganha contornos diferenciados. A cidade na era agrária é tida como obra, pois o uso e o valor de uso definem o emprego do tempo. A era industrial vem com a força de dissolução da cidade, o que o autor chama de "não cidade" ou a "anticidade", pois conforme Lefebvre (2016, p. 79), a indústria "as fez crescer desmesuradamente e provocou uma explosão de suas características antigas (fenômeno de implosão-explosão)". Aqui o valor de troca prevalece, fazendo desaparecer quase que totalmente o valor de uso, em que tudo se torna mercadoria, inclusive o solo. Neste processo, a cidade é restituída na era urbana, após a sua negação pela indústria, e é generalizada atingindo áreas rurais. Ou seja, a lógica do processo de urbanização se sobrepõe à realidade, envolvendo contradições socioespaciais, uma vez que reconsidera alguns elementos constitutivos da cidade antiga, da era agrária. "O urbano, isto é, a sociedade urbana ainda não existe e, contudo, existe virtualmente; através das contradições entre o habitat, as segregações e a centralidade urbana que é essencial à prática social, manifesta-se uma contradição plena de sentido" (Lefebvre, 2016, p. 79-80).

Há, portanto, que se considerar as temporalidades no processo da urbanização, em que particularidades da era agrária se manifestam na tecitura da cidade que, agora, é mercadoria. Portanto, a lógica de um tempo lento se faz presente (e pode estar materializada) em conjunto e contraditoriamente à realidade do urbano, submersa na economia de mercado e no tempo linear (tempo da produção e circulação de mercadorias e ideias). Martins (1996a, p. 23) esclarece que no "interior da sociedade e no interior de cada um agita-se a efervescência dessa coexistência de modos, mundos, relações, concepções, que não são contemporâneos". Os fragmentos dispersos no urbano, provenientes da explosão-implosão da cidade com a industrialização se revelam pertencentes a uma temporalidade pretérita, mas que não perdem seu sentido no tempo presente.

Diante do exposto, temos que voltar à Capela de João de Camargo em Sorocaba para compreendê-la como um desses elementos que não foram cooptados pelo capital e transformados em mercadoria, embora o espaço que ocupa agregue valor a cada metro quadrado com a oferta de bens e serviços de alto padrão ao seu redor. Cabe observar que a capela é tombada como patrimônio municipal e, assim como argumenta Creston (2020), esse pode ser um instrumento de proteção contra o risco de valorização do espaço urbano por meio da especulação imobiliária.

Do ponto de vista prático, a pesquisa conta com referenciais bibliográficos relativos à biografia de João de Camargo, bem como os de embasamento histórico de Sorocaba e seu processo de urbanização. Visitas à capela têm sido realizadas ao longo de uma década, sempre com o olhar focado em questões relativas ao espaço urbano, ao sagrado e ao patrimônio, alimentando as reflexões em pauta. As visitas possibilitaram a observação direta do seu cotidiano e o registro do seu espaço em imagens fotográficas. O presente artigo contou com a colaboração de Adriano Molina, Presidente da Associação Espírita que administra a capela, com uma entrevista bastante esclarecedora[i].

Em janeiro de 2024, devido às fortes chuvas, a capela foi inundada e perdeu parte de seu acervo, fato que contribui para a reafirmação da necessidade de mantê-la em pé a partir da restauração do próprio prédio.

Espera-se, com este artigo, contribuir com a manutenção da memória de João de Camargo e sua capela de acolhida num contexto mais amplo, ou seja, latino-americano. Ele como um santo popular, assim como tantos outros, faz emergir no tempo presente, elementos de sobrevivência que compuseram a nossa história de passado colonial.

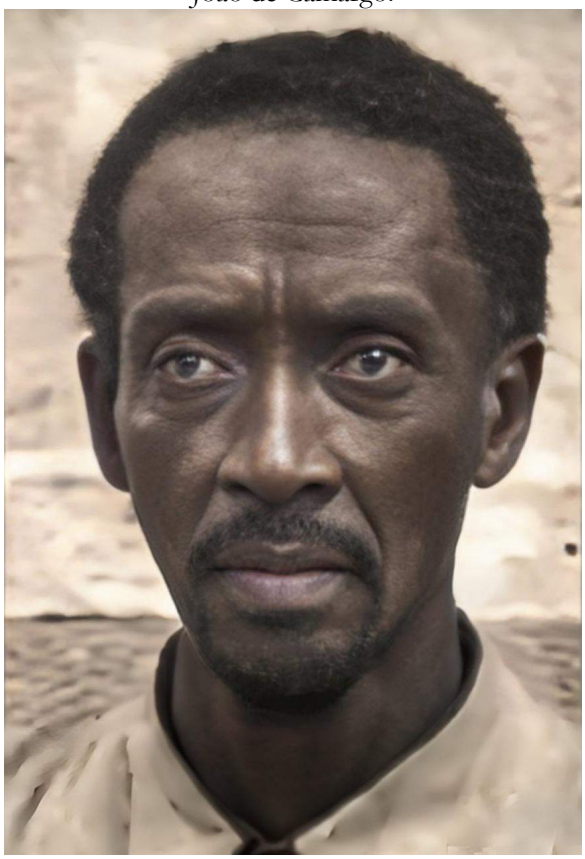
2. João de Camargo em Sorocaba (SP)

No princípio, era uma ideia de ser o que se queria ser. Mas depois do princípio, se foi o que foi possível ser. João de Camargo era para ser um marido e bom pai, trabalhador submisso na sua condição de ex-escravizado e temente a Deus. Mas foi o curador de muita gente, foi o assistente social e psicólogo, sobretudo do povo negro e pobre. Trouxe fé, amor, solidariedade, sabedoria, educação, alegria, disciplina, retidão a quem o cercava. Construiu o prédio que testemunhou o crescimento da cidade de Sorocaba (SP). Este é um templo de acolhimento em que existe, resiste e reside o tempo de João de Camargo na eternidade. Esta, por sua vez, está inscrita nas suas paredes, nos retratos, nas imagens, no silêncio, em cada passagem e em cada canto da sua casa-templo.

Por tudo isso, a sua grandiosidade em ser humilde, a sua presença no tempo e no espaço da cidade de Sorocaba, na sua fé e religiosidade, na sua mentoria, sabedoria e cuidado para com o outro, com os mais necessitados, no seu compromisso com a verdade e com a sua territorialidade ancestral, é que ele se torna único em meio a tantos outros Joãos. Há uma forma singular no seu pensar o mundo, que transforma o espaço a sua volta; o mundo com liberdade para escolhas fez parte de seus ensinamentos. Sua existência e seus feitos já eram afronta à elite econômica e branca colonizadora. Sua subversão está na sua mansidão, assim como um Preto Velho, guia espiritual da umbanda. A sua respiração evocava o som da liberdade, com palavras de consolo, com receitas de cura, com orações de apaziguamento. Sua inspiração representava alívio para uns e desafio para outros, tal como afronta que a elite desejava combater. João de Camargo, do Camargo que foi um dia o seu "dono", é hoje o Nhô João de todo o povo.

Feita essa breve apresentação, quase que devocional, é preciso situar o/a leitor/a de forma mais pormenorizada sobre João de Camargo (figura 3) em Sorocaba, sobretudo a partir da construção de sua capela, o seu templo que dialoga em várias vertentes religiosas. Vale contextualizar a vida de João de Camargo no tempo e espaço de Sorocaba, pois os dias se passaram muito rapidamente e é preciso assimilação das mudanças ocorridas em meio à sua história, desde antes de sua existência, ou seja, é necessária uma breve abordagem do desenvolvimento de Sorocaba.

Figura 3
João de Camargo.



Fonte: Acervo da Capela de João de Camargo, 2023.

2.1. Sorocaba antes de João de Camargo

Recorre-se aos tempos idos, apenas como uma referência, para se chegar ao dia de hoje e se ter uma ideia do processo de desenvolvimento de Sorocaba. Pauta-se, dessa forma, em três grandes fases da economia sorocabana, assim como o fez Freitas Jr. (1925): o bandeirismo, cujo expoente é Baltazar Fernandes, fundador da Vila de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba, em 1661, no Brasil Colônia; o tropeirismo, a partir das feiras de muares para o comércio (meados do século XVIII e século XIX), período durante o qual ocorre a independência do Brasil de Portugal (1822), bem como a assinatura da Lei Áurea para o fim do regime escravista (1888) e o advento da República (1889); e a industrialização têxtil, tendo sido a primeira fábrica de tecidos fundada em 1852, de propriedade de Manuel Lopes de Oliveira (Campos & Frioli, 1999) em conjunto com a construção da Estrada de Ferro Sorocabana em 1875.

A fase mais importante teria sido a segunda, dos tropeiros, pois conforme Deffontaines (1945, p. 44-45):

> *Na cidade de Sorocaba, toda atividade era comandada pelas feiras de burros; a principal indústria era a dos objetos necessários aos tropeiros...*
> *A joalheria era com efeito muito ativa, e se dedicava à fabricação de estribos, campainhas, sinetas, chapas de ornamentação para ricas selas dos tropeiros. Teciam-se também cêstos de bambu utilizados para o transporte em pequenas distâncias...*
> *Os habitantes mais ricos eram estes alquiladores que partiam por cinco ou seis meses para o sul, buscar tropas; vinham em seguida os hoteleiros: a cidade contava mais de cem hospedarias; finalmente os inúmeros artesãos que trabalhavam sobretudo o couro...*
> *A cidade era conhecida por sua vida libertina; os alquiladores de passagem ostentavam grande luxo, as casas de deboche eram numerosas...*
> *A parte mais pobre dos habitantes de Sorocaba era composta dos peões domadores de burros.*

As festas, sobretudo religiosas, eram frequentes. A Festa do Divino Espírito Santo, por exemplo, reunia a população dos municípios vizinhos para a participação nas cavalhadas, como bem registrou Hércules Florence em 1830 (figura 4), fornecendo talvez, como disse Taunay (1943), uma iconografia preciosa da representação da luta entre cristãos e mouros.

A Festa do Divino, realizada cinquenta dias depois da Páscoa, no largo da Igreja Matriz Nossa Senhora da Ponte, coincidia com o período da feira de muares, de forma que os tropeiros costumavam se aventurar nas cavalhadas. Como descreve Perecin (1990, p. 105):

> *Era realmente empolgante a cavalhada sorocabana: muita riqueza nas vestimentas, muita prata nos cavalos, magníficos ginetes, o melhor dessa sociedade de cavaleiros, arte, história e coragem. Cristãos e mouros evoluíam com muito apuro sobre animais de belo porte, cotejando-se com garbo e valentia, arrancando admiração e aplausos da assistência. Os rapazes das melhores famílias e os seus mais hábeis cavaleiros participam anualmente, não medindo gastos nem proezas, mostrando que eram tão bons quanto os gaúchos e peões dos Campos Gerais. Afinal, eram filhos e netos de tropeiros, futuros pais e avós de outros tantos.*

O auge da feira de muares teria se dado em meados do século XIX, e reunia, por ocasião da Festa do Divino, uma dada elite que negociava suas mercadorias e arranjava casamentos entre si. Sorocaba era, neste contexto, sinônimo de centralidade econômica, política, religiosa e social numa sociedade organizada com base no trabalho escravo, que passava por um processo abolicionista.

Figura 4

Cavalhadas de Sorocaba, por Hércules Florence (1830).

Fonte: Acervo do Museu Paulista.

Em 1850 foi assinada a Lei Eusébio de Queirós, que proibia o comércio de pessoas com países da África. Tal fato chegou a quase duplicar o preço do escravizado, imobilizando renda capitalizada. Iniciava-se o comércio interno, com pessoas negras escravizadas vindas do nordeste brasileiro para o trabalho nos cafezais, que se expandiam para o oeste paulista. Nesse contexto, com a mão de obra escrava mais cara, elevavam-se os valores dos empréstimos hipotecários e a expansão cafeeira ficava cada vez mais dependente do capital imobilizado na pessoa escravizada, em benefício do traficante. A abolição da escravatura, nessa perspectiva, era esperada e, para tanto, o capital teria que ser imobilizado de outra forma: na terra (Martins, 1996b).

Naquele mesmo ano foi promulgada a Lei de Terras, que tornava a terra cativa, podendo ser adquirida somente por título de compra. Desde 1822 (independência do Brasil de Portugal), as terras, antes dadas por sesmarias, estavam sem legislação quanto à posse e usufruto, e a Lei de Terras de 1850 veio dificultar o acesso a ela, sobretudo, pela população pobre e escravizada, na iminência de serem libertadas. Vale observar que Sorocaba teria se adiantado à Lei Áurea e dado liberdade às pessoas escravizadas em 1887. Segundo Martins (1996b, p. 32): "A renda capitalizada no escravo transformava-se em renda territorial capitalizada: num regime de terras livres, o trabalho tinha que ser cativo; num regime de trabalho livre, a terra tinha que ser cativa".

A partir de então, o fazendeiro lucrava com a renda diferencial em função de terras mais férteis, somada àquela beneficiada pelas estradas de ferro que, em Sorocaba, logo chegariam e dariam início ao processo de decadência das feiras de muares.

2.2. Sorocaba com João de Camargo

Foi no contexto do processo de transição da ordem escravocrata que nasceu João de Camargo, em 1858, em Sarapuí, localidade então pertencente ao município de Itapetininga (figura 2). Trabalhou como cativo na casa e na lavoura da fazenda dos Camargo Barros, que, por sua vez, o teriam influenciado na fé católica, enquanto obtinha ensinamentos religiosos sobre seus antepassados pela sua mãe, Nhá Chica, que também havia sido escravizada (Fernandes, 1951). Após a assinatura da Lei Áurea, João de Camargo foi para Sorocaba, a centralidade urbana que naquele momento se dava pelo desenvolvimento da indústria têxtil que se consolidava juntamente com a estrada de ferro Companhia Sorocabana, fundada por Luiz Matheus Maylasky. A estrada de ferro era mais eficiente no transporte de mercadorias e pessoas do que as mulas e se expandia a oeste do estado de São Paulo, seguindo as plantações cafeeiras, de forma que as feiras de muares foram se extinguindo. Segundo Freitas Jr. (1925, p. 363): "A inauguração da Estrada de Ferro Sorocabana a 10 de Julho de 1875, proporcionando a Sorocaba novos surtos de progresso, deu-lhe tambem um golpe de morte no que ella tinha de mais original, de mais tradicional e de mais notavel - as feiras de animaes". A linha férrea encerrava, portanto, a feira de muares, ligando Sorocaba a São Paulo, e atingia o porto de Santos (Ribeiro, 2009).

Passou-se de instalações manufatureiras dispersas a estabelecimentos industriais que transformaram Sorocaba numa outra centralidade: daquela de feira de muares para a do trabalho nas fábricas, sobretudo têxtil e, na sua esteira, a circulação de mercadorias por meio do comércio e a concentração de capital numa nova racionalidade técnica. Complementa Straforini (2001, p. 117):

> *Sorocaba tornara-se um lugar ideal para a instalação das primeiras indústrias têxteis de São Paulo, não apenas por toda a infra-estrutura física produzida pelas atividades ligadas ao tropeirismo, mas principalmente, pela racionalidade técnica da sociedade. Essas novas fábricas precisavam encontrar lugares que pudessem atender, de certa forma, o novo tempo técnico de produção. Num Estado onde as cidades estavam articuladas e organizadas em torno da agricultura cafeeira, Sorocaba apresentava-se como uma possibilidade de sucesso, pois, já possuía uma mão-de-obra qualificada para manusear e operar as máquinas a vapor, atraindo investimentos externos. A participação de capitais externos não significa que o início da industrialização foi uma decisão externa em detrimento do interno ou local. Foi somente pela lógica local, que os interesses externos puderam associar-se aos internos e materializar-se naquela sociedade.*

Ainda hoje é possível perceber na paisagem de algumas localidades de Sorocaba o passado da indústria têxtil por meio das suas edificações, mas com novos usos. É o caso da Fábrica de Tecidos Nossa Senhora da Ponte, fundada em 1881, tendo a ela se agregado a Fábrica Santo Antonio em 1913. Assim foi criada a Companhia Nacional de Estamparia (CiaNE), que funcionou até a década de 1990 e foi tombada em 1993 pelo Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico de Sorocaba (Laurindo, 2012), e em 2017 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat, 2020)[ii]. Atualmente funciona como Shopping Pátio Cianê.

João de Camargo, por sua vez, por ser ex-escravizado e analfabeto, assim como tantos outros recém-libertos, não possuía um perfil condizente com o trabalho nas fábricas. Suas atividades restringiam-se ao ambiente doméstico, dando continuidade à sua submissão à elite sorocabana (Campos & Frioli, 1999).

Já no Brasil República, tentou a carreira militar ao se alistar, em 1893, como soldado e contribuir no combate aos federalistas que se posicionavam contra o governo de Floriano Peixoto. Para tanto, seguiu para Itararé, a sudoeste do estado de São Paulo, mas as tropas federalistas de Gumercindo Saraiva foram derrotadas já no Paraná, e João de Camargo nem chegou a entrar em combate. Após esse episódio, conforme Campos & Frioli (1999), durante uma festa popular, João de Camargo teria conhecido Escolástica do Espírito Santo, moça branca de Pilar do Sul (figura 2) e com ela se casou. Após cinco anos de casamento, veio a separação, que, especula-se, teria se dado, talvez, pelo fato de ele ser negro e ela branca.

Em meio a esse fluxo de pessoas, mercadorias e capital, João de Camargo passou pelos surtos de febre amarela, sendo a primeira em 1897, quando muita gente saiu da cidade, fugindo da doença. João de Camargo não fez diferente e se estabeleceu em Salto de Pirapora (figura 2) e ali permaneceu na lavoura até o fim do surto. Entre o fim de 1899 e 1900, a febre voltou, sendo dizimada em 1904 com o auxílio do médico sanitarista Emílio Ribas (Campos & Frioli, 1999).

Nesse ínterim, o monsenhor João Soares, figura ilustre de Sorocaba que ajudava as pessoas em meio a tantas mortes, acabou falecendo também de febre amarela em 1900. O monsenhor teve papel importante na vida de João de Camargo, pois:

> *Conhecera-o quando era escravo adolescente, de 1873 a 1879, período em que o padre Amaral, ainda jovem, fora pároco na Matriz de Nossa Senhora das Dores de Sarapuí, responsável pelas missas, pelos sermões e pelos catecúmenos. Tempo em que o menino João se fascinara pela vida religiosa e fora profundamente marcado em sua formação católica pela dedicação do vigário, tendo aprendido muitas das maneiras rituais. . . (Campos & Frioli, 1999, p. 153)*

Houve, nesse contexto, um movimento populacional em Sorocaba com tantos acontecimentos, sobretudo com a industrialização e a estrada de ferro. Assim, conforme Ferreira & Sandano (2007), Sorocaba era tida como progressista, uma vez industrializada no início do século XX a ponto de ser conhecida como "Manchester Paulista", tendo o setor têxtil como carro chefe. Desta forma, o processo de urbanização tomava contornos mais robustos com a atração da população do meio rural, bem como de imigrantes europeus, parte deles, detentores de algum capital que investiam em pequenos estabelecimentos locais. Desenvolveram-se fábricas de óleo, sabão, vela, beneficiamento de arroz e torrefação de café, moinhos de fubá, além de móveis, calçados e cerveja, entre outras, conforme aponta Ribeiro (2009).

A cidade efervescia, com uma elite proclamando o progresso e com as posturas de "limpeza" da cidade dos pobres que eram ex-escravizados. Assim como João de Camargo, muitos estavam entristecidos e sem esperança, pois estavam sem trabalho e sem-terra, esquecidos pelo poder público e, por isso, caíam no alcoolismo. Foi quando, em 1906, aconteceu a chamada "profetização" de João de Camargo, momento em que ele recebeu a missão de construir uma capela e ajudar aos mais necessitados (Campos & Frioli, 1999, p. 24) a partir da sua condição de médium. Dá-se início, neste momento, a um novo capítulo na vida de João, que foi se tornando Nhô João, conforme discorreremos a seguir.

3. Capela do Nosso Senhor Bom Jesus do Bonfim/Oxalá

João de Camargo já era possuidor de uma mediunidade a qual não tinha muito controle, pois conforme Campos & Frioli (1999, p. 164), ouvia "esquisitos murmúrios misturados ao som das águas do regato, ou sentia a presença de entidades que se comunicavam por meio de vozes indistintas, ruídos, luzes, clarões, ventos uivantes, sinais que ele não conseguia entender". Como já comentado, ele havia sido criado de fazendeiros católicos, conheceu o monsenhor João Soares e com ele aprendeu alguns rituais e orações; por outra vertente, sua ancestralidade era embasada em cultos aos orixás africanos, e era filho de Omolu (orixá que, cheio de feridas, se apresenta coberto com um manto de palha da cabeça aos pés; é sincretizado com São Roque e São Lázaro, e tem o poder da cura de doenças). No contexto da profetização é importante evidenciar a sensibilidade de João de Camargo associada à sua ancestralidade, uma vez que em certa ocasião pôde ouvir de seus mentores espirituais, com clareza, a sua missão.

Conta Malzoni (2008) que certa noite João de Camargo se deitou aos pés da cruz de Alfredinho, quando teve a visão. Alfredinho, vale explicar, foi um menino que, em 1859, havia montado o cavalo sem os arreios, apenas com as rédeas amarradas em sua cintura. Em um momento teria perdido o equilíbrio e assustado o cavalo que saiu em disparada

arrastando-o pelo caminho, parando somente já perto do Córrego da Água Vermelha com ele já morto. Ali foi erguida uma cruz em memória de Alfredinho, que se tornou local de oração de João de Camargo. Ao pé da cruz, em 1906 ". . . o espírito do menino Alfredo teria apresentado toda a cena de sua morte [do próprio Alfredinho] revelando-lhe, também, 'sua missão', dizendo-lhe que seria o 'guia' e 'protetor' de João de Camargo" (Fernandes, 1951, p. 219).

Conforme Fernandes (1951), o espírito mandou João de Camargo construir uma capela em honra de Nosso Senhor Bom Jesus do Bonfim, que pode ser compreendido como Oxalá, na perspectiva do sincretismo religioso. Na ocasião, João de Camargo também teria visto o monsenhor João Soares, Nossa Senhora Aparecida e São Benedito, este chamado por ele de Rongodongo, protetor dos escravizados.

Diante dos mistérios da religiosidade de João de Camargo, ele teria construído a capela sobre "água, pedra e verdade", às margens do Córrego da Água Vermelha, próximo à cruz de Alfredinho. Assim, demarca-se a água, a partir do córrego. As pedras foram levadas por ele, aos poucos, e fazem parte da decoração da Capela, refletindo o culto às pedras que, conforme Fernandes (1951), seria uma reminiscência da cultura africana. Outro ponto importante é que ele dizia que todas as igrejas tinham grau 10 e a dele era de grau 15, ou seja, era envolvida por uma grande força divina; dizia também que as imagens sagradas não eram apenas barro, mas que ancoravam as energias dos santos, uma forma de reverenciar a verdade.

O terreno sobre o qual foi construído a capela teria sido doação de um tio, Ignácio de Camargo Barros, em 29 de novembro de 1938[iii]. Na época, as terras daquela localidade não tinham valor comercial pois eram improdutivas e muito arenosas, ou seja, não havia potencial de cultivo, pois o valor diferencial estava na fertilidade do solo e sua capacidade produtiva[iv]. É válido lembrar que após a Lei de Terras de 1850, toda e qualquer terra só poderia ser adquirida por meio de compra, sendo que João de Camargo não tinha condições de adquiri-la. Provavelmente seu tio também não, ainda que fossem baratas por serem inférteis. Uma hipótese, conforme Adriano Molina, é que os Campolim, também ex-escravizados, teriam recebido uma parcela de terras improdutivas e sem valor em função de um acerto de indenização do seu antigo patrão. De alguma forma, uma parte dela teria parado nas mãos do tio de João de Camargo, possivelmente também por doação[v]. Após a morte de João de Camargo, parte das terras foi reivindicada por Escolástica, sua ex-esposa, restringindo o terreno da Capela a um pequeno perímetro.

João de Camargo começou a atender e a curar a população pobre e negra, que como ele, era ex-escravizada, com a capela já erguida. Era, portanto, considerado um benzedor e médico dos pobres, a serviço do divino para o próximo. Dizia que a cura vinha da fé, que ele era apenas intermediário de Deus (Campos & Frioli, 1999). O fato é que a medicina não era administrada para todos e quem não tinha dinheiro recorria aos conhecimentos e sabedoria de João de Camargo, que se tornava o Nhô João, o Pai João, diante de seu acolhimento paternal.

Em volta da capela, ele construiu dezoito casinhas para algum conhecido seu se instalar e para servir de pouso a quem vinha de longe; ajudava com comida e roupas e chegou a custear os estudos de jovens na Escola Normal de Sorocaba (Fernandes, 1951). Ele também morava ali, nas dependências da capela, onde, mais adentro, há uma cozinha com um fogão de lenha e uma porta que dá para o quintal, às margens do Córrego da Água Vermelha. Bem ao centro da sua habitação há uma salinha com sete portas ou passagens estreitas, sendo que uma delas leva ao altar, ou melhor, ao "trado", lugar da tradução das mensagens. Ali ele ouvia as orientações de seus guias espirituais a partir de uma fita vermelha que caía das mãos da imagem do Nosso Senhor Bom Jesus do Bonfim, e as traduzia para o consulente (figura 5).

João de Camargo curava as pessoas utilizando raízes e ervas para chás, com a chamada "água milagrosa", que vinha de um poço da capela, e com o "óleo santo", de oliva ou algodão, trazido pelo consulente, e neles mergulhava as "guias". Estas consistiam em um cartãozinho de papel com "letras enigmáticas" enumeradas. Passou a carimbar nomes de santos nelas, conforme o dia do patrono.

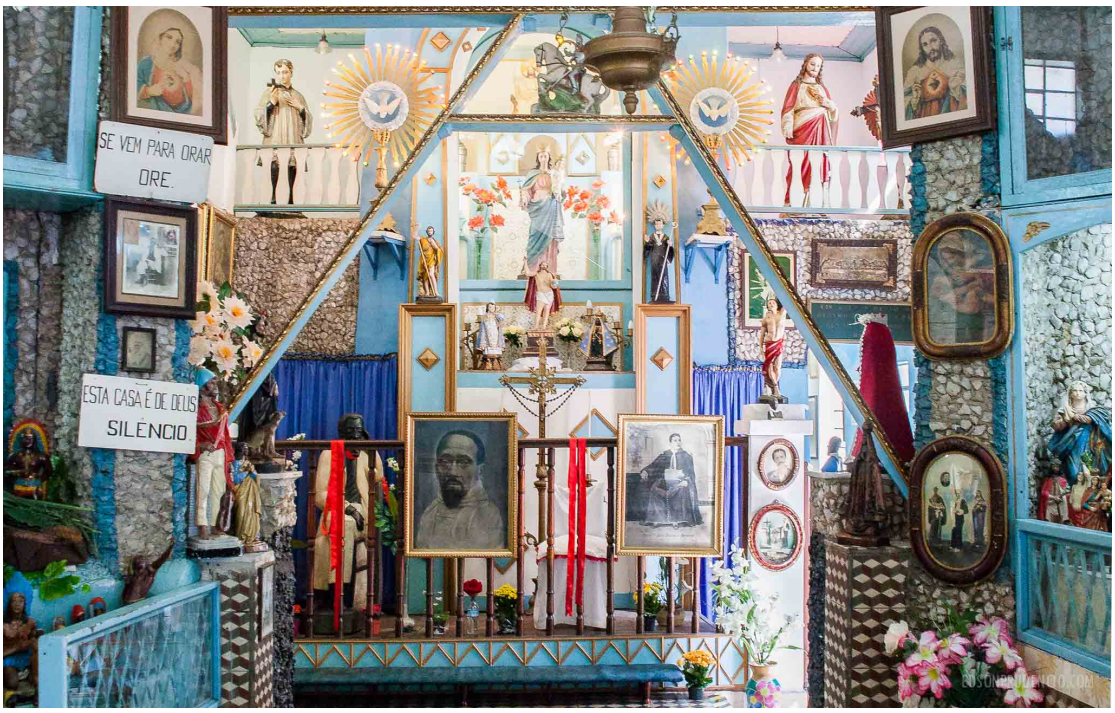
> *Segunda-feira – Dia das Almas Benditas (não dava "guias");*
> *Terça-feira – Dia de São Miguel – Dava "guias";*
> *Quarta-feira – Dia de Nossa Senhora do Carmo – idem;*
> *Quinta-feira – Dia do Santíssimo Sacramento – idem;*
> *Sexta-feira – Dia do Sagrado Coração de Jesus – idem;*
> *Sábado – Dia de Nossa Senhora das Dores idem;*
> *Domingo – Dia de Todos os Santos, não dava "guias", nem consultas. Só permitia visitas à Igreja. (Fernandes, 1951, pp. 228)*

Chegou a atender de 300 a 400 pessoas por dia (Fernandes, 1951) e a receber, conforme Cavalcanti (1934), cerca de 180 cartas, diariamente, em sua

caixa postal. Elas vinham do Norte e do Sul do Brasil, da Argentina, Uruguai e Paraguai, da Espanha, Itália, França e Portugal, algumas com contribuições em dinheiro estrangeiro.

Segundo Fernandes (1951), João de Camargo teria reunido elementos dos cultos malê e banto, da África, católicos e espíritas, abrigando em sua capela imagens de muitos santos e entidades do candomblé (figuras 6 e 7), entre outras.

Figura 5
Imagem de João de Camargo, numa representação de seu atendimento no trado.



Fonte: Edson Prudêncio, 2017.

Figura 6
Imagens dos santos católicos no interior da capela.

Fonte: elaboração própria, 2023.

Figura 7
Imagens do candomblé.

Fonte: elaboração própria, 2017.

João de Camargo foi acusado de curandeirismo e preso dezoito vezes, pois era perseguido pela Igreja Católica e por uma elite branca e preconceituosa. No Brasil, desde 1890, a liberdade de culto religioso estava garantida pelo Decreto 119-A, de 7 de janeiro daquele ano. No entanto, servia apenas para o judaísmo e o protestantismo, na prática, pois a Igreja Católica era apoiada pelo Estado para combater o curandeirismo, considerado crime contra a saúde pública conforme o Código Penal Republicano (Campos, Lorenzoni & Lima, 2020).

Sorocaba estava vivendo seu apogeu industrial, tida como cidade do progresso, e João de Camargo, por meio do seu trabalho, atraía pessoas pobres, negras, ex-escravizadas, o que deixava em evidência que o tal progresso não era sinônimo de justiça social e atrapalhava a imagem que se queria da cidade. Carlos Cavalheiro sustenta, em entrevista ao Jornal Cultural Rol (2020), que João de Camargo tinha consciência de classe e que precisava ser uma liderança de resistência. Cita como exemplo a procissão que insistiu em realizar, pelo centro da cidade de Sorocaba, logo após a sua libertação da cadeia, no ano de 1913, quando foi preso por curandeirismo. "João de Camargo acabara de ganhar um processo criminal e saiu fortalecido dessa empreitada. Tão forte que ousou 'incomodar' novamente, insistindo na realização de uma procissão pelas ruas centrais de Sorocaba" (Cavalheiro, 2020, p. 40). Sua postura era de enfrentamento e embate diante das injustiças sociais orquestradas pela elite branca.

Conta Adriano Molina que o advogado que o defendeu, Juvenal Parada, argumentou que o kardecismo ganhava notoriedade na Europa, trazendo racionalidade às questões mediúnicas. Para que João de Camargo deixasse de ser perseguido por curandeirismo, e se enquadrasse à legislação da época, ele aderiu ao espiritismo e fundou a Associação Espírita e Beneficente Capela do Senhor do Bonfim, em 1921.

As acusações e prisões cessaram, e João de Camargo, ao oficializar a Associação Espírita, impôs normas de comportamento nas dependências da capela, de forma que todos compreendessem a

necessidade de respeito mútuo, sobretudo em relação às crenças religiosas, para um bom convívio.

Para Sáez (1998), não há contradição entre as ações de João de Camargo e o processo de modernização, pois a sua "clientela" seria essa população operária, trabalhadora das fábricas e da ferrovia, portanto, uma população que se constitui na esteira da modernidade, embora – cabe aqui observar – explorada e invisibilizada pelo poder público no que diz respeito, principalmente, à saúde e à educação.

Nesse sentido, o papel de João de Camargo é ainda mais importante, pois além de assumir a cura de quem o procurava, assumiu também um espaço, em sua capela, voltado à educação. Não se tem muitas notícias sobre a escola construída por João de Camargo, mas o Jornal Cruzeiro do Sul (2015) publicou uma reportagem em que dois senhores relatam terem estudado ali, pois a avó morava no terreno da capela, onde hoje está o velário. Há a hipótese de o prédio da escola ter sido erguido na década de 1930 e, demolido após a morte de João de Camargo, uma vez que sua ex-esposa herdou o terreno onde ela ficava. Posteriormente, esta havia sido transferida para uma parte anexa à capela, tendo funcionado até a década de 1960.

Além da preocupação com a educação escolar, apesar de ser analfabeto, João de Camargo incentivou a atividade musical inserindo a sua comunidade no contexto urbano e social de Sorocaba com as apresentações que realizavam. Conforme Campos & Friolli (1999), em 1915 fundou a Corporação Musical São Luís, que contava com cerca de 28 músicos negros, que tocavam, na sua maioria, instrumentos de sopro e de percussão.

A banda se apresentava nas diversas festas cívicas e religiosas de Sorocaba e região, criando uma identidade social para os que seguiam João de Camargo. "Alguns desses músicos eram os mesmos que animavam os antigos carnavais de Sorocaba. Integravam-se assim à comunidade pelo samba e pelo batuque, acompanhados dos demais negros e brancos da cidade, em cordões carnavalescos que iam pelas ruas" (Campos & Frioli, 1999, p. 159).

Cabe observar, em concordância com Fernandes (1951), que a capela se tornou uma centralidade em Sorocaba, chamada por Cavalheiro (2020) de territorialidade negra, pois argumenta o autor que, ao constituir uma banda musical, João de Camargo estava dando oportunidade aos negros de experimentar uma ascensão social por meio de um trabalho qualificado, há muito tempo negado. Nos arredores da capela, construções eram erguidas e o comércio local se instalava, de forma a participar ativamente das transformações da configuração socioespacial urbana de Sorocaba.

Importante salientar, em concordância com Cavalheiro (2020), que João de Camargo teria organizado o espaço da capela a partir de um planejamento consciente, de forma a expressar a sua inteligência e autonomia, para além das orientações espirituais, pois "os indícios apontam para uma visão clara e objetiva do seu papel enquanto sujeito histórico vivendo os conflitos e adversidades específicas de sua época e lugar" (Cavalheiro, 2020, p. 62).

Em 28 de setembro de 1942, João de Camargo faleceu, aos 84 anos de idade. Conforme Adriano Molina, seu corpo foi velado na capela e saiu em cortejo para o Cemitério da Saudade, passando pela Catedral Nossa Senhora da Ponte, onde o padre mandou fechar as portas. Com o caixão nas escadarias da igreja, foram dadas as bênçãos ao seu corpo e o encaminhamento de sua alma.

Relata ainda Adriano Molina que, conforme contavam os mais velhos, pouco antes de falecer, João de Camargo teria confidenciado aos mais próximos que a sua hora estava chegando, e dizia que ia receber muitas flores no seu enterro, mas que não ia levar nenhuma. De fato, durante o seu velório na capela, ele teria recebido muitas flores de seus devotos. Durante o cortejo até o cemitério, no intuito de guardar uma lembrança ou de se sentirem abençoados mais uma vez pelo Preto Velho, as pessoas iam pegando as flores para si. Na hora do sepultamento, João de Camargo não tinha mais nenhuma flor consigo.

Cerca de 6 mil pessoas, dos 60 mil habitantes de Sorocaba, teriam seguido o cortejo, ou seja, 10% da população sorocabana foram prestar suas homenagens a Nhô João.

4. A Capela de Nhô João nas contradições do espaço urbano

Em seu processo histórico, o desenvolvimento econômico de Sorocaba deu-se com as feiras de muares e com as indústrias têxteis, juntamente com a ferrovia, como já mencionado. Seguindo uma linha cronológica, chegamos ao rodoviarismo, com a construção da Rodovia Raposo Tavares, em 1954, e a Castelo Branco, em 1967, como vias de transporte de mercadorias em detrimento da ferrovia.

Vamos encontrar ainda, nesse percurso, o processo de desconcentração industrial de São Paulo, na década de 1970, contribuindo para uma centralidade regional de Sorocaba. Conforme Comitre (2017), o Plano Diretor de Sorocaba de 1966 enfatizava a criação de uma Zona Industrial com fácil acesso às rodovias sendo que a fixação de

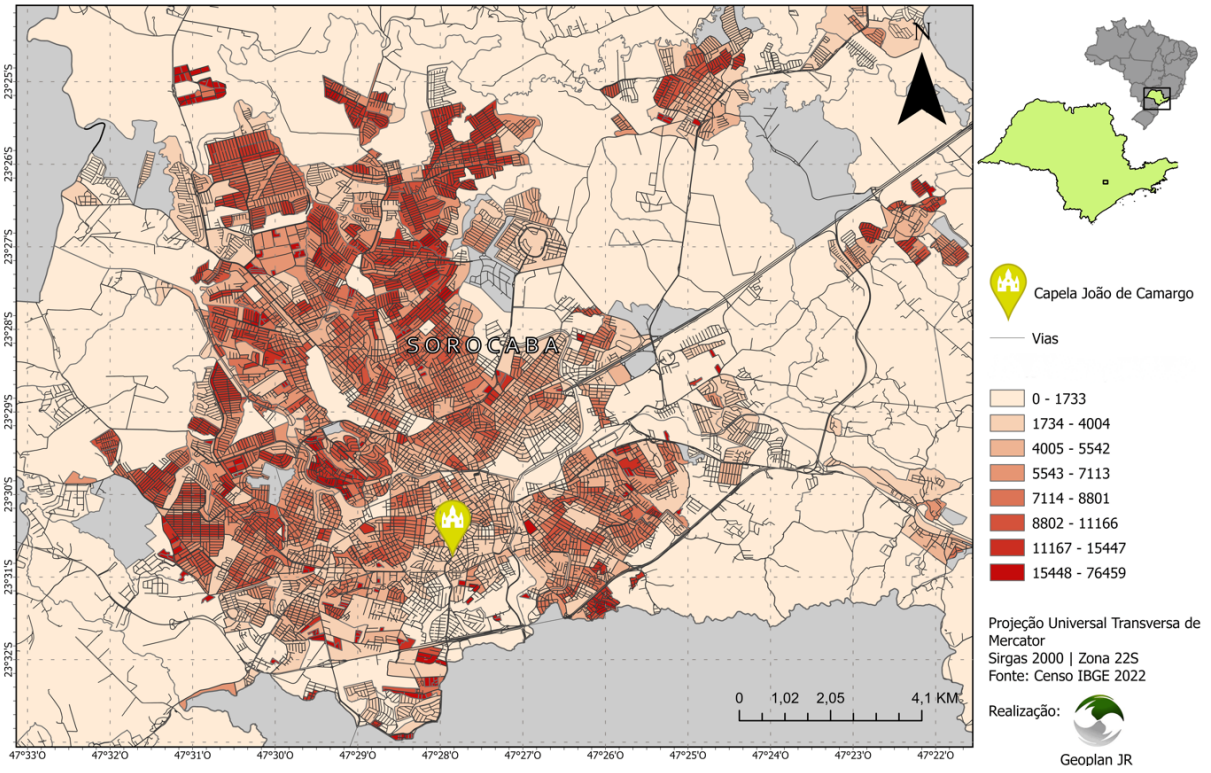
indústrias se dava em locais mais afastados do centro, sobretudo nos bairros do Eden, Aparecidinha e Cajuru. É também nesta década que começa a haver um processo de favelização de Sorocaba, evidenciando as contradições do processo de urbanização que se fortalecia expandindo as periferias e fragmentando a cidade – explosão da cidade (Lefebvre, 2016).

O incentivo à industrialização tem continuidade com a instalação da Fábrica Toyota e do Parque Tecnológico de Sorocaba em 2012, contribuindo para a valorização do espaço urbano de forma a atrair o mercado imobiliário e a construção de condomínios fechados de médio e alto padrão. Nessas condições, a população pobre é cada vez mais "empurrada" para as periferias da cidade.

Sorocaba tornou-se o centro da metrópole (figura 2) em 2014 (Lei Complementar n. 1.241, de 8 de maio de 2014), por conta de seu desenvolvimento e centralidade econômica. Conforme a Seade (2023), Sorocaba possui 733.301 habitantes, com uma taxa de urbanização de 99%. O mapa abaixo (figura 8) proporciona a visualização da distribuição da população por quilômetro quadrado que evidencia a mancha urbana.

Figura 8

Habitantes por km² nos setores censitários de Sorocaba – SP (2022).



Fonte: Geoplan (Unesp Rio Claro), 2025.

Conforme apontado no mapa, a capela de João de Camargo está situada bem próxima ao centro da cidade, mais especificamente no Parque do Campolim (zona Sul), que é bastante valorizado em Sorocaba. O bairro passou por um processo de loteamento de 1981 a 1985 e teria atraído investidores com a instalação do Hipermercado Carrefour em 1990 e, anexo a ele, em 1991, o Esplanada Shopping, hoje Iguatemi Esplanada (Garcia, 2019). Pustiglione (2025) reafirma o bairro do Campolim como significativa expressão da expansão urbana de Sorocaba, em que ainda se pode vislumbrar empreendimentos imobiliários de alto padrão. Complementa: "As casas de 'rua' no Campolim, que antes eram moradias de famílias tradicionais da cidade, estão se transformando em escritórios, clínicas, lojas e restaurantes." (Pustiglione, 2025, s/p).

Garcia (2019, s/p), por sua vez, enumera o que o Campolim tem a oferecer de bom, propagando a ideia de conforto e bem-estar a quem lá for morar: "O bairro também conta com academias, clínicas médicas e odontológicas, pista de caminhada, farmácias, bancas de jornais e revistas, restaurantes,

padarias, escolas particulares, redes de fast-food, além de quatro hipermercados."

Trata-se, portanto, de uma forma de desenvolvimento econômico em que a reprodução e acumulação de capital cria expropriações, acirrando as diferenças socioespaciais. Para Comitre (2017, p. 796), "as relações de produção, originadas da atuação dos agentes públicos e privados, são responsáveis por alterar o modelo de desenvolvimento urbano, impondo novas diretrizes que alteram as relações sociais e, consequentemente, a reprodução do espaço urbano". Neste sentido, encontramos uma Sorocaba imersa em contradições em função da lógica do capital em seu desenvolvimento econômico de forma desigual, atraindo um processo de urbanização que carrega na sua esteira, o tempo lento de outrora.

E esse tempo lento é materializado, entre outros elementos, na capela de João de Camargo, mas agora limitada ao espaço da sua edificação e a um jardim às margens do córrego da Água Vermelha. É administrada pela Associação Espírita Nosso Senhor Bom Jesus do Bonfim, cuja única finalidade é cuidar dela, sendo mantida por doações e trabalho voluntário, como nos relatou Adriano Molina.

Curiosamente, no contexto da expansão imobiliária do Campolim, em 1995, a capela foi tombada em nível municipal (Decreto n. 9.883/95, Resolução n. 31 – 810411996) pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico, Turístico e Paisagístico de Sorocaba, mas tal fato não lhe garante o suporte de recursos necessários para a sua manutenção. Ela fica aberta todos os dias para visitação, e as pessoas podem percorrê-la desde onde era a escola até o final, onde ficam os santos negros em evidência (figura 9), com destaque para o Jesus Negro (último degrau do altar, segunda imagem da direita para a esquerda) e para o Bom Jesus da Água Vermelha (último degrau, no centro do altar), que traz uma corda amarrada em seu pescoço e mãos, talvez uma alusão ao ocorrido com o menino Alfredinho.

Figura 9

Último "cômodo" da capela com a exposição de santos negros em destaque.

Fonte: Edson Prudêncio, 2017.

Há uma urna onde podem ser depositados pedidos e agradecimentos a João de Camargo. Ela é aberta uma vez por ano, e em 6 de janeiro as mensagens são queimadas num ritual fechado. A capela também oferece água fluidificada, como quando João de Camargo era vivo. Muitas pessoas costumam buscar aquela água acreditando no seu poder de cura. A zeladoria da capela também disponibiliza folhas de magnólia para banhos e chás, como orientado por ele em vida.

A capela de João de Camargo pode, portanto, ser compreendia como espaço sagrado, cuja temporalidade própria foge ao ritmo da expansão imobiliária que confere ao processo de urbanização a expressão do poder do capital. Para Rosendahl (2002), a ordem do sagrado é manifestada inteiramente diferente da ordem da realidade do cotidiano e, no espaço sagrado, os símbolos funcionam como mediação entre o homem e a divindade.

Em janeiro de 2024, no entanto, essa mediação foi pausada, pois uma interrupção do acesso a alguns espaços da capela foi necessária devido a uma chuva muito forte em Sorocaba. Paredes foram derrubadas ou danificadas e parte do acervo perdida. Adriano Molina conta que estão em processo de reconstrução de tudo o que foi prejudicado pela inundação. A partir de um mutirão, a capela, que sofreu uma inundação de até 1,5 m de altura, foi reorganizada e, aos poucos, as imagens que não se quebraram estão sendo limpas e colocadas no lugar. Com o intuito de conseguir fomento mais regular para a capela, deu-se início a uma investigação pelo Iphan (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) para reconhecimento como patrimônio nacional. Segundo Creston (2020, p. 115), o instrumento patrimonial pode atuar "como resistência a processos territoriais hegemônicos... ao processo urbano de especulação imobiliária... Ou seja, a proteção patrimonial via tombamento como forma de impedir o controle social e a tomada indiscriminada dos territórios pelo poder público e privado".

As contradições socioespaciais se estabelecem em função do valor elevado do metro quadrado no Campolim, pois, se um dia foi considerado uma territorialidade negra, atualmente, o bairro e o entorno da capela se configuram como espaço do capital, com comércio e serviços voltados para uma elite branca que se instala na cidade com os novos estabelecimentos industriais, como mencionado no início desta seção. Neste sentido, evidencia-se na fragmentação do espaço urbano, a capela de João de Camargo como um elemento não cooptado pelo capital, em que o valor de uso se sobrepõe ao valor de troca e dá sentido às questões cotidianas, diante de uma lógica que remete aos valores mais profundos da humanidade e que hoje se encontram diluídos ou diminuídos na sociedade capitalista. Dentre esses valores encontram-se a ordem moral, a solidariedade, a cura, a proximidade com o divino (seja ele qual for) e consigo próprio, "resgatados" por toda a história de João de Camargo e por tudo o que ele construiu e deixou.

5. Considerações finais

No contexto das recém assinadas Lei Eusébio de Queirós e Lei de Terras (1850), nasceu João de Camargo, ainda na condição de escravo, cuja liberdade só viria com a Lei Áurea. Sua vida, permeada pelas religiões católica e de seus ancestrais africanos, caminhou pelos rituais que ora se sincretizavam e ora se constituíam em mistérios, a partir de rezas e símbolos que ele não revelava.

Ao passar pelo processo de industrialização, Sorocaba se mantinha como centralidade econômica, desenvolvendo atividades do comércio e de serviços, num processo de exclusão da população ex-escravizada, carente do mínimo para sobreviver, já que, com a Lei de Terras, a aquisição de um sítio se tornava impossível, como bem explicou Martins (1996b). Neste ínterim, João de Camargo se encontrava na vida simples, em busca de dignidade e trabalho, com o intuito da formar uma família. Casou-se, mas as dificuldades eram muitas numa sociedade racista e excludente. Seu casamento durou pouco e ele se entregou ao alcoolismo. Logo, em 1906, ele teria recebido orientações de seus mentores espirituais, de erguer uma capela em homenagem a Nosso Senhor Bom Jesus do Bonfim, e assim o fez. Em sua capela de acolhida, João de Camargo tornou-se Nhô João a partir do atendimento de pessoas sem recursos para o pagamento de atendimento médico. Assim, ele dava orientações, conselhos e respostas a algumas perguntas daqueles que o procuravam. Costumava receitar banhos e chás de folha de magnólia, disponíveis na capela até hoje para seus seguidores.

Do ponto de vista social, João de Camargo prestou assistência à população mais pobre, sobretudo negra, ao oferecer muitas vezes um lugar para morar, alimentos, educação, sabedoria, conforto, dignidade e inserção social. Esta última, por conta também da constituição da Corporação Musical São Luís, chamada a se apresentar em vários eventos religiosos e civis promovidos pelo poder público e pela sociedade sorocabana.

No contexto da idealização do progresso e da modernidade, era inconcebível para a elite da cidade o destaque de um homem analfabeto, considerado

curandeiro e feiticeiro, que afrontava a medicina científica e era, além de tudo, um homem preto ex-escravizado. Perseguições da elite branca e da Igreja eram constantes e as prisões também, o que levou João de Camargo a criar a Associação Espírita Beneficente Bom Senhor Jesus do Bonfim, uma vez que o kardecismo era reconhecido cientificamente na Europa. A associação mantém a capela até hoje, com trabalho voluntário, com o compromisso de zelá-la e continuar atendendo à população que procura pelo acolhimento de João de Camargo. Cabe observar que não há nenhum tipo de atendimento espiritual como benzimento ou passe na capela, tampouco venda de "lembrancinhas" ou romarias; esse é um espaço sagrado em que os que têm fé em Nhô João se comunicam diretamente com ele em orações, sem mediações.

A capela guarda muitas memórias de Sorocaba, com a exposição de fotos, santos, orixás e outras entidades, e conta a sua história por meio da história de João de Camargo, resgatando o tempo lento de outrora, no contexto do processo de urbanização em que a cidade se encontra fragmentada. Parece que as partes da cidade não se conectam no sentido mais pleno, apenas são interligadas pelas vias de acesso, destacando-se os espaços periféricos e de exclusão socioterritorial, os espaços do capital a partir da produção e da especulação imobiliária, que atrai serviços caros, voltados à elite. E a capela está ali, no pedaço de terra que um dia foi um dos mais baratos ou sem valor em Sorocaba, e hoje é um dos mais caros, imobilizando capital. Nhô João não está mais vivo, mas continua sendo incômodo à elite sorocabana, e se manifesta como resistência ao continuar ajudando aos necessitados por meio do trabalho de doação de alimentos junto à comunidade, através da associação que gerencia a capela. Na iminência de ruir, o prédio, após abalo da enchente que assustou Sorocaba em janeiro de 2024, segue resistindo com seu trabalho voluntário de reconstrução e fortalecimento de suas estruturas materiais e imateriais, na busca pelo reconhecimento como patrimônio nacional. O tempo pretérito, impresso nas paredes da capela e em tudo o que está dentro dela, revela a necessidade da pausa do tempo do trabalho e da produção, da necessidade de autoafirmação de Sorocaba como moderna e de crescimento econômico. Revela também as contradições socioespaciais, em que as pessoas continuam recorrendo ao Preto Velho para serem acolhidas, na ausência de um olhar mais atento do poder público para com as necessidades básicas, sociais e psíquicas da população carente.

Por tudo isso, Nhô João é lembrado, não só como o curador, mas como um santo não canônico ou santo popular que continua realizando curas e conforto espiritual e que, em vida, trabalhou muito para suprir as ausências do poder público, na superação de uma sociedade marcada pelo racismo e por uma estreita visão de mundo.

6. Referências bibliográficas

Acta Apostolicae Sedis. (1931). *Commentarium Officiale.* Roma: Typis Polyglottis Vaticanis.

Benjamin, R. (2008). Devoções populares não-canônicas na América Latina: uma proposta de pesquisa. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, *1*(1).

Campos, J. & Frioli, A. (1999). *João de Camargo de Sorocaba: o nascimento de uma religião*. São Paulo: Ed. Senac.

Campos, L. & Lorenzoni, L. & Lima, A. (2020). Curandeirismo no Brasil: uma abordagem histórico-jurídica na transição do final do império e início da república. *Revista Relegens Thréskeia*, *9*(2), 225-241. http://dx.doi.org/10.5380/rt.v9i2.75329

Cavalcanti, P. (1934). João de Camargo, o Papa Negro de Sorocaba. *O Malho*, *33*(57).

Cavalheiro, C. (2020). *João de Camargo, o homem da Água Vermelha.* Maringá: A. R. Publisher Editora.

Comitre, F. (2017). A evolução do uso e ocupação do solo na periferia urbana de Sorocaba-SP: do esquecimento ao despertar dos interesses públicos e privados. *Geo UERJ* (31), 770-799. https://doi.org/10.12957/geouerj.2017.27200

Condephaat. (2021). *Fábrica têxtil Nossa Senhora da Ponte*. São Paulo.

Creston, H. (2020). Terreiros e quilombos no Brasil, um louvor às resistências . *PatryTer*, *3*(5), 113–128. https://doi.org/10.26512/patryter.v3i5.25354

Deffontaines, P. (1945). As feiras de burros de Sorocaba. *Boletim Geográfico*, *3*(25).

Estado de São Paulo. *Lei Complementar n° 1.241, de 08 de maio de 2014*. Cria a Região Metropolitana de Sorocaba e dá providências correlatas. h

Garcia, M. (2019). Campolim e sua avenida principal transformados. *Jornal Cruzeiro do Sul.*

Fernandes, F. (1951). *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.

Ferreira, V. & Sandano, W. (2007). Educação escolar e movimento sociais em Sorocaba, no início da República (1889/1920). In *Anais do 24º Simpósio Nacional de História* (pp. 1-10). São Leopoldo, RS: Unisinos.

Freitas Jr, A. (1925). A legenda sorocabana. *Revista do IHGSP*, *1*(23), 345-366. http://ihgsp.org.br/wp-content/uploads/2018/03/Vol-23.pdf.

Jornal Cultural Rol. (2020). O milagreiro João de Camargo ganha nova biografia pelas mãos do historiador Carlos Carvalho Cavalheiro em livro publicado pela editora A. R. Publisher. https://jornalrol.com.br/?p=31736

Laurindo, A. (2012). Antigos edifícios escreveram parte da história da cidade. *Jornal Cruzeiro do Sul.* https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/442712/antigos-edificios-escreveram-parte-da-historia-da-cidade

Lefebvre, H. (2016). *Espaço e política. O direito à cidade II*. São Paulo: Humanitas.

Malzoni, A. (2008). *João de Camargo Barros na vida do povo*. São Paulo: Gráfica Manchester.

Mariano, L. (2023). Em cemitérios de SP, histórias de devoção a "santos milagreiros" eleitos pelo povo. *O Globo.*

Mariano, N. (2022). Cotidiano, representação e resistências espaciais. No bojo da viola caipira. *PatryTer*, *6*(11), 1–15. https://doi.org/10.26512/patryter.v6i11.42822

Martins, J. (1996a). As temporalidades da história na dialética de Lefebvre. In J. Martins (Ed.). *Henri Lefebvre e o retorno à dialética* (pp. 13-23). São Paulo: Editora Hucitec.

Martins, J. (1996b). *O cativeiro da terra*. São Paulo: Editora Hucitec.

Perecin, M. (1990). *Candeias em espelho d'água (1777-1845)*. São Paulo: Edições Loyola.

Pustiglione, G. (2025). Região do Parque Campolim e zona leste de Sorocaba vivem expansão imobiliária. *Jornal Cruzeiro do Sul.*

Ribeiro, E. (2009). *Caminhos e descaminhos: a ferrovia e a rodovia no bairro Barcelona em Sorocaba/SP – a produção espacial no processo de industrialização e urbanização em Sorocaba*. São Paulo: Annablume; Prefeitura de Sorocaba.

Rosendahl, Z. (2002). *Espaço e religião: uma abordagem geográfica.* Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC.

Sáez, O. (1998). João de Camargo: sincretismo e identidades. *Revista de Ciências Humanas*, *16*(24), 138-153.

Seade. (2023). *Seade População.* São Paulo. https://populacao.seade.gov.br.

Sorocaba. *Lei n. 4.619/94, 26 set. 1994*. Dispõe sobre o Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico e dá outras providências.

Straforini, R. (2001). *No caminho das tropas.* Sorocaba: TCM.

Taunay, A. (1943). Cavalhadas brasileiras e sua iconografia. *Jornal do Comércio*.

7. Notas

[i] Adriano Molina, em entrevista realizada em 10 de agosto de 2024, autorizou a divulgação e o registro de seu nome no presente artigo.

[ii] Resolução 63 de 19 de dezembro de 2017, Livro do Tombo Histórico: inscrição nº 465, p. 142.

[iii] Conforme Escritura de Doação de Terra a João de Camargo. Segundo Tabelionato da Comarca de Sorocaba, Livro de Notas n. 165, folhas 220/222 (Cavalheiro, 2020, p. 137).

[iv] Este cenário vai mudar com o processo de valorização do espaço urbano e a especulação imobiliária, em que as terras do bairro onde está a Capela de João de Camargo passaram a ser loteadas na década de 1980 (Garcia, 2019).

[v] Para se ter certeza desse processo de aquisição de terras, faz-se necessário uma pesquisa mais aprofundada em cartórios, a partir da cadeia dominial.